



**PARTICIPE
DAS TROCAS
SOLIDÁRIAS**

A troca é o princípio da vida

Cartilha 2
Série: Feiras de
Economia Solidária
Programa Nacional de
Fomento as Feiras de
Economia Solidária

Introdução

O Fórum Brasileiro de Economia Solidária, o Ministério do Trabalho e Emprego, por meio da Secretaria Nacional de Economia (SENAES/MTE), da Fundação L'Hermitage juntamente com o Instituto Marista de Solidariedade - IMS e a Fundação Banco do Brasil - FBB estão em parceria no apoio à realização de Feiras Estaduais de Economia Solidária no Brasil. Em 2006, este time recebeu o reforço da Secretaria de Desenvolvimento Territorial através do Ministério do Desenvolvimento Agrário (SDT/MDA) que contribuem com a produção das feiras, integrando os empreendimentos econômicos solidários com as iniciativas da agricultura familiar, que também terão seus produtos expostos.

Na estruturação do Programa Nacional de Apoio às Feiras de Economia Solidária foi construído um Termo de Referência que subsidia a estruturação das feiras. O Termo é o diferencial que insere nas feiras as características e inovações presentes no próprio Movimento de Economia Solidária. No sentido de fortalecer estas práticas, elaborou-se a Série "**Feiras de Economia Solidária - Programa Nacional de Fomento às Feiras de Economia Solidária**". Fora da série, o Guia do Comunicador Comunitário é uma cartilha especial organizada em parceria com a Cáritas do Maranhão.

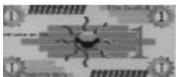
Entre as várias manifestações existentes na Economia Solidária, destacam-se as Trocas Solidárias, particulares e humanizadoras. Atualmente, existem diversas maneiras de realizar as Trocas Solidárias, seja nos Clubes de Trocas ou nos Ecobancos com a utilização ou não da moeda social.

Esta cartilha é fruto do esforço de várias pessoas, algumas merecem destaque. O Carlos Henrique que, junto com a Heloisa Primavera, apresentaram a primeira versão do texto "Como Criar um Mercado de Trocas Solidárias"; Sandra Magalhães, do Instituto Banco Palmas Fortaleza/CE, que apresentou o material sobre Moeda Social Circulante Local; Joyce Andrade, da Casa da Acolhida Marista do Rio de Janeiro, e Lourdes Marchi, do Cefuria, Paraná que contribuíram com a suas experiências locais. Robson Patrocínio e Andréa Viana também contribuíram nesta construção. E todas as pessoas das Trocas Solidárias do Brasil que contribuíram com a idéia da construção da cartilha, com materiais disponibilizados nos grupos de discussão on-line e em falas e subsídios dos mais diversos.

Agradecemos especialmente a cada pessoa que participa ativamente da iniciativa de Trocas Solidárias, que mantém acesa a chama de que um outro mundo é possível e que outra economia já acontece.

Shirlei A. A. Silva

Coordenação Nacional do Programa de Fomento às Feiras de Economia Solidária



Apresentação

Na Argentina, Bolívia, Colômbia, Canadá, França, Alemanha, Espanha e Austrália há milhares de pessoas que participam de encontros periódicos para trocar solidariamente de forma direta ou com uso de uma moeda social. Em alguns casos, as Trocas Solidárias acontecem periodicamente, de três a quatro vezes por semana, suprimindo as necessidades das pessoas que participam destes espaços, seja com alimentos, roupas ou serviços.

No Brasil, no ano de 2004, em Mendes/RJ, realizou-se o primeiro Encontro Nacional dos Grupos de Trocas Solidárias. Desde então vários avanços aconteceram como o Mercado das Trocas Solidárias no Fórum Social Mundial - FMS 2005 e, mais recentemente, o 1º Encontro do Movimento Nacional de Trocas Solidárias - MNTS - em Curitiba. Atualmente existem Trocas Solidárias organizadas nos Estados de Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná, São Paulo, Espírito Santo, Rio de Janeiro, Ceará, Goiás e Bahia. No entanto, acredita-se que outros Estados já adotam essa experiência das trocas solidárias.



O espaço das trocas solidárias tem sido muito mais do que um lugar para fazer intercâmbio sem dinheiro. É uma confraternização onde as pessoas se conhecem, criam novos projetos, ampliam as perspectivas, cultivam novas amizades, praticam a solidariedade e exercitam a auto-estima, tanto a nível pessoal como comunitário.

As Trocas Solidárias complementam a economia formal com um sistema econômico mais orgânico, humano e sustentável, baseado na confiança e na cooperação. São construídas relações humanas e econômicas, onde prevalece o valor que está nas pessoas e no trabalho por elas desenvolvido.

A intenção dessa cartilha é apresentar ao leitor a experiência das Trocas Solidárias que podem ser feitas de diversas maneiras e, ao mesmo tempo, oferecer subsídios complementares para a realização das trocas, em um processo contínuo. O objetivo principal é apresentar algumas orientações de como realizar as trocas nas Feiras de Economia Solidária. Mesmo assim, consideramos que não existe e nem deve existir uma receita única, e sim possibilidades criativas que nascem de acordo com cada realidade local, que propõe a experimentação de fazer a vida germinar a partir das Trocas Solidárias.



1º Encontro Nacional dos Grupos de Trocas do Brasil 9 a 12 setembro 2004- Mendes/RJ



Trocas Solidárias

Uma Redescoberta Importante



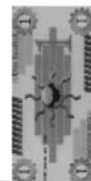
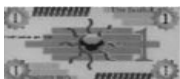
Para que servem as trocas?

Troca é o nome que se dá, em vários países da América Latina, às transações entre produtores e consumidores que não usam dinheiro oficial e, quando necessário, utilizam uma moeda social. Embora se trate de transações entre muitas pessoas, a palavra troca foi conservada para mostrar o sentido de reciprocidade quando alguém oferece algo para outro, sem envolver o dinheiro. Agregou-se, então, o adjetivo solidário porque muitas dessas iniciativas se desenvolveram e prosperaram em meio ao movimento da Economia Solidária.

No passado, a troca direta de produtos e serviços era a principal forma de intercâmbio entre pessoas, famílias e cidades. Com o passar do tempo, as sociedades criaram a moeda para facilitar as trocas. Então, a moeda se tornou um instrumento fundamental para intermediar a aquisição dos bens e serviços necessários para a vida. As trocas sem uso de moeda, contudo, continuam sendo realizadas, principalmente, dentro dos grupos familiares e entre a vizinhança. Entretanto, a maioria das transações no mercado é feita com moeda. O mercado é o lugar onde as trocas são feitas. A moeda parece ganhar vida no mercado, tanto que é possível trocar moeda por mais moeda, como acontece no caso dos empréstimos a juros. Essa forma de organizar o mercado aumenta o capital de poucos e não permite que a maioria tenha condições de produzir e consumir. Nem mesmo o mercado de trabalho tem lugar para todos.

Quando as pessoas comercializavam diretamente o que produziam e consumiam, tudo funcionava bem. No entanto, quando muitas pessoas passaram a trabalhar para outras, em troca do salário, as coisas complicaram. Algumas que se tornaram donas das máquinas e das terras monopolizaram o mercado. Atualmente, nem todos/as conseguem, com o seu salário, recursos suficientes para comprar o que precisam. Para a manutenção da vida humana, somente o salário não é suficiente.

Também está claro que nem todo trabalho necessário para a vida pode ser comprado. Por exemplo, o trabalho de educação e alimentação das crianças é fundamental para a humanidade, mas ninguém vê uma mãe cobrar para amamentar o seu filho. Porém, todos sabem da importância da amamentação para a saúde física e emocional do ser humano.





Por que alguns trabalhos têm um preço - salário - e outros não? Uma coisa é certa, nem sempre os trabalhos mais importantes são remunerados.

Uma pessoa toma conta de algum doente, outra ensina matemática ao filho do vizinho, um grupo organiza uma festa junina, outro grupo coloca a laje em uma casa, uma cultiva no quintal ervas medicinais que oferece a todos que precisam. Assim, uma série de trabalhos ou serviços são realizados sem receber moeda em troca. Alguém pode questionar que este tipo de trabalho não tem valor. Porém, existe um valor que mobiliza essas atividades: A RECIPROCIDADE. A certeza de que está sendo usada a sua potencialidade para fazer algo útil por aqueles que estão próximos. Usufruir do seu trabalho para produzir um bem. Não o bem no sentido econômico, mas um bem social. Esses trabalhos, trocados de diversas formas, possibilitam uma vida melhor para várias pessoas, seja individual ou coletivamente.

Cada vez mais pessoas criam práticas econômicas capazes de gerar recursos para garantir uma vida digna. A necessidade de ampliação dessas práticas gera um movimento da sociedade chamado de Economia Solidária. As trocas são uma das atividades que ajudam a promover o fortalecimento de uma economia a serviço da sociedade.



Vantagens das Trocas

Para viver em sociedade, o cidadão precisa trabalhar. É o trabalho que garante o recurso para o consumo necessário para a vida de cada um e de todos. Infelizmente, essa ainda não é a realidade de muitos/as. Mas, ao invés de esperar mudanças, algumas pessoas experimentam formas mais justas, tanto de trabalho, quanto de consumo. Nessas práticas, logo fica claro que não é possível manter trabalhadores/as e consumidores/as separados/as. Todo/a produtor/a é também consumidor/a, e vice-versa. No mercado, a comercialização é a ligação entre trabalho e consumo. Porém, com o crescimento do mercado fica quase impossível saber quem fabricou e como foi feito o que está sendo comprado. O preço também é um problema. Muitas trocas injustas são praticadas no mercado formal. Essa situação acontece desde que a sociedade perdeu o controle sobre a comercialização. Por isso, tantos grupos promovem feiras de trocas. Eles perceberam a necessidade de recriar as formas de comercialização. No passado, era possível trabalhar e consumir. Mas, a forma de organização do mercado atualmente não é a única possível. Os grupos de troca são uma das possibilidades de comercialização mais justa.



As pessoas têm coisas para trocar

Uma das primeiras coisas importantes dos clubes de troca é descobrir o que cada um tem para trocar. É interessante constatar quantas habilidades e quais produtos cada um pode oferecer. Outra questão que contribui nas avaliações dos objetivos das trocas é pensar a quem interessa o que tenho a oferecer.

Começando pelo que já tenho

Na própria casa, pode-se descobrir algo guardado que é útil para outra pessoa. E, quando ocorre a troca desse objeto por outro, todos ganham. Até mesmo o meio ambiente e a economia local. Ao receber algo útil em troca, o participante poupa os recursos financeiros que deixam de ser desperdiçados numa compra.



O meio ambiente também agradece, visto que na troca, muitas vezes, algo que estava condenado ao lixo é recuperado para o uso.

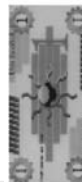
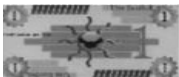
Ao mesmo tempo, a troca daquilo que não serve mais, promove uma reflexão sobre o consumo. Muitas vezes o/a consumidor/a compra produtos que nem chega a consumir e que não necessita de fato. Porém, alguém pode argumentar que seria melhor doar esse objeto a uma "pessoa carente", ao invés de trocar. Mas, atenção. Não é sempre que o caminho mais fácil é o melhor. A troca traz mais dignidade a todos que participam do processo do que a doação. A doação pressupõe uma hierarquia que qualifica positivamente e envaidece o doador, enquanto desqualifica e humilha, muitas vezes, a pessoa que recebe a doação. Ao passo que, na troca, a relação entre os participantes tende a ser mais igualitária.

O trabalho

É o trabalho que produz vida, alimento, habitação, saúde e educação. É o trabalho que garante a construção e a consolidação das cidades e sociedades, que são o resultado de um conjunto de trabalhos que são trocados.

É a reciprocidade que gera a vida social.

Todos são donos do seu potencial de trabalho. Essa é a maior riqueza do ser humano. Com o trabalho, é possível produzir melhorias na condição de vida atual e, também, das gerações futuras. Porém, é necessário capital para quem quer trabalhar, entre outras condições.





A tecnologia, por exemplo, é resultado do trabalho humano. Entretanto, ela está na mão de poucas empresas. Apesar de ser resultado do trabalho das gerações passadas, a maior parte da humanidade tem pouco acesso aos avanços da tecnologia, impedindo uma concorrência justa no mercado produtivo.

Outro problema é que os consumidores, sempre que podem, preferem comprar algo que traz o nome de uma grande empresa capitalista. Essa cultura precisa ser modificada, fortalecendo uma cultura de consumo e de trabalho. Mulheres e homens precisam trabalhar. O direito humano ao trabalho, previsto em lei, não está sendo garantido. Mas os/as trabalhadores/as estão se organizando e se mobilizando para fazer valer o seu direito.



Várias formas estão sendo criadas e experimentadas, entre elas, os grupos de trocas. Eles estão espalhados pelo mundo, são muitos e diversificados. Cada qual tem sua dinâmica, seu jeito de fazer e de enfrentar desafios.

A Moeda Social



É o instrumento que substitui a moeda oficial em grupos humanos que atuam como produtores e consumidores em circuito fechado eliminando, assim, o obstáculo da escassez do dinheiro. À diferença da moeda oficial, a moeda social não tem juros, nem oferece vantagem ao ser acumulada, portanto ela serve à produção e não à especulação. Promove a distribuição da riqueza e não sua concentração, como ocorre na economia dominante.

O Ecobanco



É o mecanismo que permite criar uma moeda alternativa a partir da seguinte operação: produtores interessados em participar das trocas solidárias depositam uma parte da sua produção no banco e recebem, no ato, a quantidade correspondente de moeda social, segundo uma tabela de valores pré-fixados. Trata-se do mecanismo gerador do "efeito dinheiro", sem ganhos para terceiros. Em vez de "ecobanqueiros", que obtêm grandes benefícios e acumulam dinheiro, intervém aqui, um grupo promotor ou equipe operativa responsável por uma gestão transparente e equitativa.



Paridade da Moeda

Deriva da palavra em latim "paritate", significa equivalência; qualidade de par ou igual; aparência; semelhança; estado de câmbio ao par. No caso específico das trocas, quer dizer qual a relação da moeda local com a moeda nacional, com alguma moeda internacional ou mesmo com algum produto local.

Lastro do Ecobanco

É o conjunto de produtos depositados pelos participantes e trocados pela quantidade correspondente de unidades de moeda social. É a garantia de validação e confiabilidade de que todas as unidades de moedas sociais poderão ser trocadas novamente por produtos, ao final do evento.



Trocas Solidárias e algumas experiências do Brasil

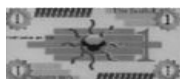
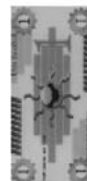
Moeda Social Circulante - Instituto banco Palmas - Fortaleza/Ceará

Para compreendermos bem o que é um sistema de Moeda Social Circulante Local temos que, inicialmente, entender o que são os Bancos Comunitários. Atualmente, funcionam no Brasil oito bancos comunitários, sendo o Banco Palmas em Fortaleza/CE, o pioneiro desta metodologia.

Banco Comunitário é um serviço financeiro solidário em rede, de natureza associativa e comunitária, voltado para a geração de trabalho e renda na perspectiva da Economia Solidária.

São características dos Bancos Comunitários:

1. É a própria comunidade quem decide criar o banco, tornando-se gestora e proprietária o mesmo;
2. Atua sempre com duas linhas de crédito: uma em reais (prioritariamente para a produção) e outra em Moeda Social Circulante Local (prioritariamente para o consumo);
3. Suas linhas de crédito estimulam a criação de uma rede local de produção e consumo, promovendo o desenvolvimento endógeno do território;
4. Apóia os empreendimentos em suas estratégias de comercialização, tais como feiras,





lojas solidárias, centrais de comercialização e outros;

5. Atuam em territórios caracterizados por alto grau de exclusão e desigualdade social;
6. Não atua em escala. Cada Banco Comunitário atua em territórios com até 40.000 habitantes;
7. Estão voltados para um público caracterizado pelo alto grau de vulnerabilidade social;
8. Sua sustentabilidade fundamenta-se em obtenção de subsídios justificados pela utilidade social de suas práticas.

As Moedas Sociais Circulantes Locais e os Bancos Comunitários

Moeda Social Circulante Local, também chamada de circulante local, é uma moeda, complementar ao Real (R\$), moeda nacional, criada pelo Banco Comunitário. O circulante local tem como objetivo fazer com que o "dinheiro" circule na própria comunidade ou município, ampliando o poder de comercialização local, aumentando a riqueza circulante na comunidade, gerando trabalho e renda localmente.

As Características da Moeda Social Circulante

- a. O circulante local tem lastro na moeda nacional, o Real (R\$). Ou seja, para cada moeda emitida, existe no banco comunitário; um correspondente em Real;
- b. As moedas são produzidas com componentes de segurança (papel moeda, marca d'água, código de barra, números serial) para evitar falsificação;
- c. A circulação é livre no comércio local e, geralmente, quem compra com a moeda social recebe um desconto patrocinado pelos comerciantes para incentivar o uso da moeda no município ou bairro;
- d. Qualquer produtor ou comerciante cadastrado no banco comunitário pode trocar moeda social por reais, caso necessite fazer uma compra ou pagamento fora do município ou bairro.

Acesso ao Circulante Local

As formas de um produtor ou morador ter acesso à moeda social circulante local são:

- a. Fazendo empréstimos, sem juros, em moeda social no banco comunitário;
- b. Prestando serviço para alguém da comunidade que tenha o circulante local;
- c. Trocando reais por circulante local, diretamente, na sede do banco comunitário;
- d. Sendo membro de algum empreendimento produtivo, percebendo seus resultados, em média 80% em moeda real e 20% em moeda social, mediante o acordo com todos;



Experiências de Moeda Social Circulante Local No Brasil

Município/ Estado	Nome do Banco	Moeda social circulante local
Fortaleza-CE	Banco Palmas	Palmas
Santana do Acaraú-CE	Banco BASSA	Santanas
Palmácia-CE	Banco Serrano	Palmeira
Paracuru-CE	Banco PAR	Par
Vitória-ES	Banco BEM	Bem
Vila Velha-ES	Banco Terra	Terra
Maraguape-CE	Banco dos Emoreebdedires de Maraguape-BEM	Prata
Simões Filho-BA	Santa Luzia	Eco-Luzia

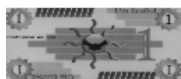
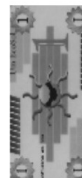
Os bancos comunitários acima mencionados integram a rede Brasileira de Bancos Comunitários

Trocas Solidárias no Paraná

No Paraná, as primeiras experiências dos clubes de trocas tiveram início em bairros periféricos de Curitiba e Região Metropolitana, a partir de 2001 e 2002. Os Clubes de Trocas ocorrem em espaços tradicionais de atendimento à pobreza, ONG's, centros comunitários e paróquias. Têm como participantes as pessoas beneficiárias de cestas básicas fornecidas sob forma de doação.

Metodologia dos Clubes de Trocas

A metodologia utilizada nos Clubes de Trocas é resultado do acúmulo das experiências desenvolvidas no decorrer dos 25 anos de existência do Cefuria, que atua junto aos movimentos sociais, aos grupos de Economia Solidária, às Comunidades Eclesiais de Base em Curitiba/PR. Alia-se a prática, o referencial teórico sob a temática de "Educação Popular". Inspirados em Paulo Freire, busca-se incentivar o diálogo e a ampliação de democracia. Observa-se o crescimento das pessoas a partir do momento em que podem, livremente, dizer sua palavra, dar e receber saberes, manifestar para defender seu ponto de vista, tornando-se sujeitos de todo o processo.





Como organizar um clube de trocas

Primeiro passo

A providência inicial é reunir as pessoas para que elas dialoguem sobre suas vidas, suas dificuldades no trabalho, em casa, nas instituições e na sociedade. Os/as animadores/as devem falar ao grupo sobre a importância de:

- Se reunir, discutir e buscar coletivamente as soluções para os problemas;
- Partilhar os saberes que cada um possui e a importância de trocas do que cada um sabe fazer;
- Despertar os sonhos que são, muitas vezes, sufocados;
- Visualizar a grande diferença que existe entre ricos e pobres, ou seja, a má distribuição de renda.



Para tanto, os/as animadores/as necessitam de formação e muita habilidade para:

- Usar dinâmicas que possibilitem que todos falem;
- Escutar o que o cada um tem a dizer: seu nome, sua origem (de onde veio), sua visão de mundo, a data de aniversário. Escutar e valorizar o que ouviu.

Segundo passo

Em seguida, pode-se propor e ajudar a organizar a troca de tudo o que descobrimos que temos e sabemos. Assim, este primeiro encontro é um bate-papo entre pessoas diferentes e desconhecidas, mas que possuem pontos em comum. O/a animador/a questiona se as pessoas querem ou não organizar um Clube de Troca. Se a resposta for positiva, marca-se o próximo encontro, já assumindo alguns compromissos:

- Cada participante deve levar cinco ou mais produtos, onde pelo menos um seja produzido com as próprias mãos. Os produtos podem ser verduras da horta, sabão caseiro, bolos, salgados, roupas e calçados em bom estado e limpos, artesanatos, livros, utensílios que não use;
- Pode-se ver quem gostaria acolher as pessoas, preparar o local; quem queira fazer uma música ou reflexão lendo uma mensagem ou poesia, cantar, etc.



Dinâmica dos Clubes de Troca

Em Curitiba, foi organizado o Clube de Troca seguindo os seguintes passos:

Acolhida - Alguém fica responsável pelo espaço físico e deve chegar mais cedo para receber as pessoas dando as boas-vindas com um abraço, uma flor, uma mensagem, um canto. É importante acolher bem os/as participantes. É necessário um caderno para anotar os nomes, endereço e data de aniversário de todos/as.

Mística, dinâmica ou reflexão - A mística do grupo pode ser religiosa ou não. Para os cristãos, se chama "mística do Reino de Deus". Por isso, um sinônimo de mística cristã é também "espiritualidade" - ser conduzido pelo Espírito do Reino de Deus. Neste passo, é muito importante a criatividade das pessoas responsáveis. É possível usar várias formas para que o grupo reflita e expresse seus sentimentos: símbolos, músicas, teatro, poesias, minuto de silêncio, integração com a natureza, etc. É o momento em que o grupo expressa sua fé no mundo novo que queremos construir. Paramos para nos abastecer de esperanças, é um momento que o motor dos nossos sonhos e utopias gira mais rápido!

A espiritualidade nos pede ética e coerência, nos conduz à alegria, ao encontro, ao abraço, ao sentir-se humano, à paixão, a sair pelas ruas e gritar que vale a pena lutar por um mundo melhor. Nos ajuda a acreditar que estamos construindo não um projeto de futuro, mas que acontece hoje, que a mudança já está acontecendo.

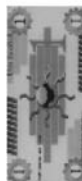
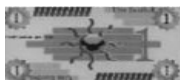


É importante ressaltar que neste momento nada pode ser imposto. Devem ser respeitadas as diferenças de crenças e credos, cultivando o ecumenismo e a convivência harmônica dos iguais.

As dinâmicas são ferramentas pedagógicas preciosas que favorecem a reflexão, a integração do grupo, o sentimento de pertença, a motivação e a superação da timidez. Pode ser lida ou contada uma parábola, conto ou mensagem que, em seguida, é objeto de reflexão compartilhada.

Os participantes do grupo decidem o tempo para este segundo passo, sendo aconselhável que ultrapasse 30 minutos.

Apresentação dos participantes e seus produtos - Cada participante ou "prossumidor/a" (produtor/a e consumidor/a mútuos) diz seu nome, onde mora e apresenta o que trouxe para as trocas solidárias, dando destaque ao que ele/ela mesmo fez. É importante que todos/as estejam ao redor da mesa para que vejam e prestem atenção à fala do outro respeitosamente. Inclusive as pessoas que não levaram nada para trocar devem se apresentar e o/a animador/a deve ouvir os motivos porque isso ocorreu e propor para que o grupo decida a melhor forma





dela participar naquele dia. Muitos, solidariamente, oferecem parte de seus produtos para que o companheiro não se sinta excluído. Nos primeiros encontros é comum isto ocorrer.

Também é importante que ninguém seja ridicularizado/a ou humilhado/a ao apresentar o que levou. Incentivar o esforço de cada um/uma é necessário para que a pessoa se sinta valorizada e motivada a levar para a troca objetos de qualidade, confeccionados com carinho e que atendam às necessidades dos demais.

Trocas Solidárias - É o momento que os prossumidores realizam entre si as trocas do que levaram para a feira. Aqui se evidencia que o pouco que cada um guardava em suas sacolas potencializa-se em valores solidários que vão satisfazer as mais diversas necessidades dos participantes. Além dos artesanatos, alimentos, confecções, sucos, café, hortaliças, frutas, saberes e serviços, muitas outras trocas vão se entrelaçando numa grande rede de solidariedade, partilha, fraternidade e confiança. Que se expressam em valores trocados subjetivamente e que moeda alguma do mundo paga: carinhos, olhares, abraço, idéias, experiências, palavras, amor, alegria, sorrisos, saberes, valores, confiança e VIDA.

Para facilitar as trocas, no Paraná também se usa a moeda social que se chama "Pinhão". Este nome foi escolhido pelo primeiro Cube de Troca em 2001 em uma oficina sobre Moeda Social. Os "pinhões" são entregues no primeiro encontro de trocas solidárias num total de 20 valores de moeda social, sempre mediante o compromisso de trazer os produtos no valor correspondente.

Avaliação e Compromisso - Este é o momento de voltar para o círculo e avaliar tudo o que aconteceu durante o encontro.

- O que foi bom?
- O que precisa melhorar?
- Do que precisamos?
- O que temos a oferecer nos próximos encontros?
- Quais as normas precisam ser definidas para melhorar os próximos encontros?
- Quais os compromissos que precisamos assumir daqui para frente?

Neste momento, são definidas as pessoas que vão ajudar e preparar os passos do próximo encontro: acolhida, mística e coordenação. É a eleição da equipe de trabalho. Esta equipe deve ser rotativa para todos/as tenham a oportunidade de participar e se responsabilizarem por todo o processo.



No processo de autogestão, é preciso marcar o próximo encontro e definir algumas regras ou até mesmo um estatuto ou regimento interno, com normas bem claras, construídas coletivamente, para que o grupo funcione bem e cresça sempre mais. Este é o momento do diálogo e da prática da escuta e respeito mútuo.

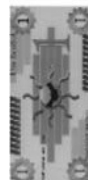
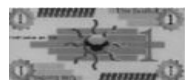
Mensagem final e partilha do alimento da comunidade - Muitos grupos contam com alimentos da cesta básica doados pela comunidade ou entidades. Outros não necessitam deste recurso. Neste caso, faz-se um canto ou mensagem final e encerra-se o encontro.

Nos casos onde há alimentos a serem partilhados, estes deixam de ser entregues de forma humilhante de quem tem para quem não tem e são trocados por moeda social. O participante necessita sempre reservar uma quantia de moeda social para poder adquirir os alimentos. Estes são dispostos pela equipe de animadores nas mesmas mesas onde ocorreram as trocas para que todos vejam e, de forma transparente e ordenada, os participantes pegam um item de cada alimento, deixando, simbolicamente, o valor de cinco pinhões a quem está coordenando o momento. Estas moedas sociais vão para o caixa do grupo que serão periodicamente redistribuídas para que não haja o "empobrecimento" dos participantes. Esta foi uma estratégia encontrada para não romper com o gesto humano e solidário da comunidade em atender às necessidades de comida do povo e, num processo político-educativo, libertar as pessoas pelo empoderamento e participação na Economia Solidária.



Trocas Solidárias Com Paridade Em Garrafas Pet Na Casa Da Acolhida Marista Do Rio De Janeiro

A Casa da Acolhida Marista da cidade do Rio de Janeiro é uma obra social filantrópica que atende a crianças, jovens, adolescentes e adultos oferecendo diversas atividades sócio-educativas, socioculturais e de formação. A Instituição foi fundada em 1985 e, desde então, desenvolve atividades sócio-assistenciais. Atualmente estão matriculados 215 usuários, mais de 50 famílias de atendimento direto.



Experiência de Trocas e a Percepção da Nova Economia

Em dezembro de 2002, vivenciamos a primeira experiência de trocas solidárias com moeda social, chamamos de Marista, cujo lastro, o que dá o verdadeiro valor à moeda, são as garrafas plásticas chamadas de PET. Tudo começou quando aceitamos o desafio de conhecer mais a Comunidade da Formiga e participamos, juntamente com outras Instituições, do mapeamento desta comunidade. Descobrimos diversos grupos culturais, empreendedores e inúmeros desafios como a questão ambiental. No Rio de Janeiro temos a maior floresta urbana do mundo e, a cada dia que passa, seus rios estão mais poluídos e sujos pelos próprios moradores. Realizamos, então, uma capacitação para 50 adolescentes que seriam os guardiões do rio e da mata, que realizariam a campanha local de preservação ambiental.

Os colaboradores da Casa da Acolhida sentiram a necessidade de contribuir, indo além da formação para adolescentes. Ampliamos a formação para crianças, adolescentes e famílias e construímos nosso primeiro Bazar, onde o lastro da Moeda eram as garrafas plásticas e as latinhas lançadas no Rio Cascata. Foi um sucesso total, todos saindo com produtos que haviam trocado pelas horas de trabalho como executores da limpeza do rio. Posteriormente, construímos a nossa primeira Feira Solidária com Colégio São José onde trocamos produtos de artesanato ou reciclado por materiais escolares e de higiene pessoal. Foi outro grande sucesso, com o envolvimento dos alunos e famílias que descobriram o universo das trocas. Hoje acontecem na Casa da Acolhida diversas feiras: Feira de Troca do Material Escolar, Feira de Troca da Beleza (produtos de higiene pessoal), Feira de troca de brinquedos e roupas, todas com moeda social e o lastro em garrafas plásticas.

Metodologia dos Encontros

Em todos os encontros de Troca Solidária há um momento de formação em Economia Solidária, é quando todos conversam e vivenciam, através de dinâmicas, a nossa real economia e a que desejamos. Posteriormente acontecem as Feiras onde todas e todos participam dos diferentes momentos.

Novos Caminhos, Grandes Descobertas

As Trocas Solidárias fazem parte do contexto sócio-educativo da Casa da Acolhida Marista do Rio de Janeiro. Percebemos esse diferencial na formação do/a educando/a e na convivência com as famílias através da humanização das relações, tratamento, acolhimento, nas ações do dia-a-dia, na formação de valores, lideranças comunitárias, participações nas Assembléias locais e reuniões na Instituição.



É muito bom redescobrir a voz. Ter voz é se fazer presente em diferentes espaços públicos e privados e esse é um impacto percebido.



Trocas Solidárias Nas Feiras de Economia Solidárias



É MUITO IMPORTANTE ESCLARECER QUE, POR UM PRINCÍPIO PEDAGÓGICO, NAS FEIRAS DE CURTA DURAÇÃO, A MOEDA SOCIAL NÃO DEVERÁ SER TROCADA POR DINHEIRO OFICIAL (REAIS, R\$), SOMENTE POR PRODUTOS DO LASTRO DO ECOBANCO.

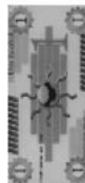
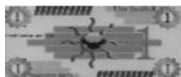
Mercado das Trocas Solidárias - MTS

Em uma feira demonstrativa poderão ser organizadas diferentes atividades em que serão utilizadas moedas sociais. O conjunto dessas atividades é denominado Mercado das Trocas Solidárias - MTS. Por exemplo, pode haver postos de alimentação e artesanatos variados que aceitarão moeda social e, também, feiras pedagógicas e oficinas em que moeda oficial poderá ser utilizada ou discutida. O principal objetivo do MTS é mostrar o potencial deste instrumento financeiro inovador, que é a Moeda Social. Para alcançá-lo, serão colocados em circulação produtos da Economia Solidária e uma quantidade adequada de cédulas de moeda social. A partir dessa prática, os participantes poderão começar a compreender o "mal entendido histórico" que mantém como reféns milhões de seres humanos em todo o planeta, excluindo-os de um mercado que, enganosamente, faz acreditar que a escassez do dinheiro é própria da sua natureza. Vamos demonstrar que isso não é assim!

Como encontrar-se com a moeda social

Em um espaço indicado por meio de cartazes bem legíveis, deverá ser instalado o Ecobanco, que nada mais é que uma instância reguladora que administra a emissão, distribuição e controle da moeda social, a partir da conformação de um lastro em produtos. Esses produtos poderão ser oferecidos no momento da feira por participantes que conheçam o sistema, seja desde antes do evento ou durante o mesmo, a partir das explicações de animadores do MTS. Para facilitar a troca da moeda social por produtos do lastro, ao final do evento, também é possível partir de doações de produtos da cesta básica, feitas com antecedência por instituições interessadas nessa prática ou mesmo por empreendimentos da Economia Solidária, como forma de contribuição para iniciativas futuras.

Esta é uma prática contra-hegemônica, na medida em que rompe com a lógica da escassez, na qual os "números devem fechar" e se substitui pela lógica do paradigma da abundância onde





reconhecemos a riqueza produzida no planeta como propriedade de todos/as os seus habitantes e não só daqueles que, historicamente, aprenderam melhor a apropriar-se dela.

Para fazer as transações, é possível encontrar-se com moeda social das seguintes formas:

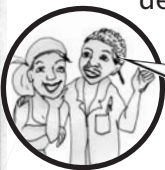
- Entregando produtos próprios, que o Ecobanco considere adequados para conformar o lastro e que serão trocados por uma quantidade de unidades de moeda social correspondentes, segundo uma lista de valores previamente acordados;
- Adquirindo com moeda oficial esta cartilha, que pode incluir uma pequena quantia de moeda social, possível graças a algum subsídio que financie o trabalho de criação e produção da cartilha como instrumento pedagógico;
- Entrando no circuito da Economia Solidária como consumidor ético e responsável, o participante interessado poderá comprar com moeda oficial produtos da economia solidária disponíveis nas feiras e postos de comercialização da Feira Nacional de Economia Solidária 2006, entregando-os ao Ecobanco e recebendo unidades da moeda social em troca.

Todas essas práticas são necessárias no espaço do MTS para que seja obtida uma amostra do "efeito dinheiro" da moeda social. Em outras iniciativas das finanças solidárias, como são os bancos comunitários e as feiras semanais permanentes, podem ser utilizados outros mecanismos.

Mercado das Trocas Solidárias - MTS: postos de venda, feiras e oficinas

Postos de vendas e feiras dos Mercados de Trocas Solidárias funcionarão em horários previamente estabelecidos, em lugares indicados para tal fim, além de locais identificados com um adesivo que indique: ACEITAMOS MOEDA SOCIAL.

Dentro do possível, nos postos e feiras somente serão comercializados produtos da Economia Solidária. O intercâmbio direto e de serviços será de exclusiva responsabilidade dos prossumidores, como corresponde esse novo modelo de desenvolvimento: espaço de cultivo de responsabilidades individuais e coletivas ao mesmo tempo!



São fundamentais a confiança, a reciprocidade e a atitude de distribuição da riqueza, em vez da competitividade e a acumulação de produtos. Por isso, faça circular suas moedas sociais tanto quanto possa, em vez de guardá-las como fazem aqueles que crêem que estão acumulando suas reservas para um futuro.



Resgate das moedas sociais ao final do evento

Ao final do período de validade da moeda social, as pessoas que as tenham em suas mãos, poderão trocá-las por produtos do Ecobanco. Essa informação deve ser bem esclarecida. Graças a existência de doações e da probabilidade de que muitos participantes queiram levar algumas moedas sociais como "lembrança" do evento, é possível que haja excedente do Ecobanco. O excedente poderá ser destinado a alguma das possibilidades decididas pelos participantes, segundo a deliberação do grupo ou dos resultados depositados em uma urna indicada para tal efeito:

1. Retribuição eqüitativa do trabalho dos operadores do Ecobanco e do Mercado das Trocas Solidárias/MTS;
2. Retribuição proporcional às horas de trabalho dos operadores do Ecobanco e do MTS;
3. Doação a um ou mais grupos locais que decidam empreender um projeto de Ecobanco em seu território;
4. Outros, a definir.

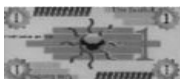
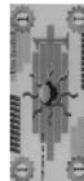
Independente da forma de colaborar, cada participante poderá entender um pouco mais sobre esta alternativa de uma nova concepção de riqueza, trocas, moedas sociais e finanças solidárias. Ao estar em contato com pessoas de todas as regiões do país, com experiência nesse tipo de iniciativas, o participante poderá trocar opiniões e conhecimentos com outros participantes.

Alguns critérios para a circulação da moeda social

- Os valores dos produtos serão decididos pela equipe gestora do Ecobanco e negociados com o ofertante;
- Somente uma parte dos produtos será trocada por moeda social pelo Ecobanco, para que o participante possa vivenciar as dificuldades e facilidades do mercado solidário;
- Cada dia poderão ser fixadas novas regras para os intercâmbios, segundo a experiência do dia anterior;
- A equipe gestora do Ecobanco poderá ser consultada em caso de dúvidas ou diferenças de critério entre os participantes.

Por que participar do Mercado de Trocas Solidárias?

- Porque queremos mostrar que é possível descobrir abundância onde, atualmente, parece so existir escassez.
- Porque a Economia Solidária trabalha com um novo movimento cooperativo que





promove a recriação da Economia, voltada para os setores populares como protagonistas de sua vida social, incluindo não somente aspectos econômicos, mas também políticos e culturais.

- Porque, embora poucos saibam, as trocas solidárias formam parte da Economia Solidária e se caracterizam por práticas transformadoras que já estão se desenvolvendo em todo o mundo.
- Porque o espaço da Feira de Economia Solidária é um lugar privilegiado para discutir os "mal entendidos" teóricos que geraram o atual modelo de concentração da riqueza.
- Porque existem no país suficientes experiências bem sucedidas e desconhecidas que podemos aproveitar em outros contextos, aprofundar, e seguir renovando.



TXAI foi escolhida para denominar a moeda social do FSM 2005 em razão de seus múltiplos significados que evocam compromisso, reciprocidade e temporalidade nas relações sociais, como uma homenagem às primeiras nações do continente que souberam manter vivos esses valores. Existem também outras moedas sociais usadas em eventos massivos, como o Ecosampa, criado para o Fórum Municipal de Economia Solidária de São Paulo e a moeda MATE, criada pela RETS/RS (Rede Estadual de Trocas Solidárias do Rio Grande do Sul).

Moeda Social Circulante Local nas Feiras e Eventos de Economia Solidária

Um Sistema de Moeda Social Circulante Local durante uma Feira de Economia Solidária ou um evento semelhante, tem o objetivo pedagógico de levar os participantes a refletir sobre desenvolvimento local e economia solidária, a partir da circulação de uma moeda própria, capaz de estimular o consumo de bens e serviços produzidos no bairro ou território.

Busca-se com esta ação oferecer subsídios, embora preliminares, para Organizações e/ ou pessoas que queiram implantar sistemas de moedas circulantes, em suas comunidades ou locais de trabalho. Nesse sentido, os experimentos das moedas circulantes durante feiras e eventos devem acontecer da forma mais próxima possível da realidade, ou seja, do mesmo jeito que funcionam nas comunidades onde estão implementadas.



Passos para desenvolver um Sistema de Moeda Social Circulante Local em Feiras e Eventos de Economia Solidária

1. Criar um Banco que ficará responsável pela operação das moedas na feira e eventos. Esse Banco deverá ser constituído por três ou quatro pessoas e deverá ter um ponto fixo de atendimento (sala, stand ou barraca) durante toda a feira.
2. Cadastrar as produtoras e produtores que vão aceitar a moeda em seu empreendimento durante a feira. As barracas ou stands deverão ser identificados por um cartaz ou adesivo.
3. Fazer uma reunião explicativa com todos/as que estarão envolvidos/as com o processo durante a feira ou evento (produtores/as, comerciantes, animadores/as e outros).
4. Gerenciar o sistema de moedas sociais circulantes durante a feira e/ou evento, através de fichas de controle.
5. Prestar contas com a organização da feira e/ou evento.

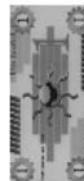
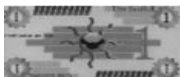
Como funciona a moeda social circulante local em feiras e eventos de Economia solidária

O funcionamento é o mesmo que ocorre em um bairro ou município onde a moeda circulante está em funcionamento. Como mostra a seqüência:

1. O Banco garante o acesso à moeda social para todos/as os/as participantes da feira;
2. Os/as participantes, de posse da moeda social, compram nas barracas e estandes que estão expondo na feira ou evento. Normalmente são oferecidos descontos para quem compra com a moeda social para esta ficar mais atrativa.
3. Os/as produtores/as e comerciantes são estimulados/as a comprarem entre si utilizando a moeda social.
4. Ao final da feira ou evento os/as produtores/as e comerciantes que ainda têm moeda social, podem ir até o Banco para fazer um câmbio, ou seja, trocar as moedas sociais por reais.

Como conseguir lastro em reais para a Moeda Social Circulante em feiras e eventos

É importante atentar para este ponto. As moedas sociais circulantes têm lastro em reais para que um número massivo de produtores/as e comerciantes tenham interesse em aderir ao sistema. O objetivo é fazer que todos comprem na feira, fazendo a riqueza circular localmente. Então para cada valor monetário de moeda social circulando na feira, existe o correspondente em reais no Banco. Existem várias formas de se conseguir lastro para a moeda social circulante. As mais comuns são:





1. Os participantes se dirigem ao Banco e trocam reais pela moeda social circulante da feira ou evento. A motivação para isso é que são oferecidos descontos para quem compra com esta moeda solidária.
2. O Banco consegue um patrocínio em reais para poder colocar em circulação na Feira ou evento certa quantia inicial de moeda social. Geralmente a distribuição dessas moedas como "prêmio" a pessoas que participam de ações afirmativas do tipo: participam de uma oficina, proferem uma palestra, organizam um desfile de moda na feira, desenvolvem atividades recreativas com as crianças e outras modalidades.
3. Outra forma muito comum é o pagamento em moeda social de alguns serviços realizados durante a feira. Por exemplo, o segurança, a empresa que organizou os estandes, a equipe de trabalho remunerada para realização da feira. Em média se paga de 10% a 20% em moeda social para aumentar o lastro e garantir que essas pessoas consumam produtos e serviços oferecidos na feira ou evento solidário.

Como definir uma Moeda Social Circulante para uma feira ou evento de Economia Solidária

Não existe um modelo ou uma moeda única. O ideal é que cada feira ou evento tenha sua própria moeda. O nome da moeda social, o formato, as cores devem ser discutidos pelo coletivo que está organizando a atividade. Alguns cuidados devem ser tomados:

1. Nome, cor e formato devem ser representativos das dinâmicas locais: lutas, vitórias, cultura, identidades e outras especificidades. O mesmo procedimento serve para a escolha do nome do Banco;
2. Evitar nomes relacionados a moedas oficiais (real, cruzeiro, cruzado, dólar, euro, e outras). Do mesmo modo, deve ser evitada a utilização de siglas. O nome da moeda deve ser pequeno e de fácil assimilação.
3. É importante que estejam impressas na moeda social as logomarcas das organizações responsáveis pela realização da feira ou evento, no sentido de potencializar os processos sociais locais.

Como fazer a impressão das Moedas Sociais Circulantes

1. As moedas sociais que circularão na feira ou evento devem ter formatos pequenos, fáceis de manusear e de guardar. Moedas menores têm um custo de produção menor.
2. É fundamental que a moeda social tenha, pelo menos, dois elementos de segurança dentre os vários possíveis (papel filigranado, holograma, tinta reagente, dados variáveis, e outros).
3. Recomenda-se a produção de moedas sociais em valores pequenos como: 0,50, 1, 2,





5, 10, considerando que as compras realizadas nas feiras e eventos não são, normalmente, em valores elevados. A produção de moedas sociais em valores altos (20, 50, 100) são geralmente desnecessárias e aumentam o custo de produção.

Quanto vale a Moeda Social Circulante em uma Feira ou Evento

A moeda social circulante é indexada ao real. Ou seja, uma unidade de moeda social corresponde a um real. Ressalte-se que não existem juros, nem taxas administrativas ou outro tipo de majoração quando é feita a troca de reais por moeda social ou vice-versa.

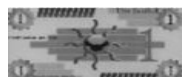
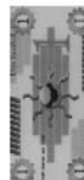
Sistema de Trocas Direta

O sistema das trocas diretas tem sido um exercício importante como parte da experimentação das Trocas Solidárias no cotidiano das pessoas, instituições e comunidades. As trocas diretas fazem parte da rica diversidade e das diversas maneiras de realizar as Trocas Solidárias.

O mais importante é buscar formas onde essas maneiras de fazer podem e devem ser complementares. É preciso criar espaços que estimulem a criação diferenciada de se vivenciar as trocas, por que não existe e nem deve existir uma única maneira de se fazer Trocas Solidárias.

Para aquelas pessoas que vêm experimentando as trocas no seu dia-a-dia e nas feiras, as trocas diretas têm contribuído no sentido do grupo poder apropriar e construir o processo das trocas de maneira que poderá chegar à necessidade de usar uma moeda comunitária.

É importante dizer que as pessoas estão trocando o tempo todo, sem refletir sobre essa prática, sem perceber o potencial que possuem nas mãos e, ainda, no valor agregado que essa prática proporciona. É preciso lembrar que em um determinado momento a troca direta pode se tornar limitada e o grupo deverá saber como lidar com a questão. Um exemplo: João tem um livro e Maria um quilo de arroz. João precisa do arroz, em contra partida Maria não tem interesse pelo livro de João. O que fazer? Nesse caso pode-se tentar uma triangulação, o que dar um pouco mais de trabalho mais funciona. Ex: João que necessita do arroz pode trocar o livro com Laura que precisa do livro para o filho, com isso João pode conseguir o que Maria necessita. Dessa forma cria-se vários arranjos para conseguir a troca.



Numa feira ou evento como podem ser feitas as trocas diretas?

Antes de tudo começar é importante criar um momento de formação e sensibilização junto aos participantes da feira ou evento. Essa formação e sensibilização devem levar em consideração os diversos fatores que envolvem as Trocas Solidárias, tais como: valor dos produtos, confiança no grupo, valor do trabalho, a (re)descoberta do potencial de cada um/uma e do grupo, o prejuízo e o lucro. Algumas perguntas podem ajudar:

- Alguém já fez alguma troca de produto ou serviço?
- Como foi essa troca?
- Conhecem alguém que já trocou ou vive de trocas?

O importante aqui é dar ênfase aos trabalhos e aos temas ligados a uma outra Cultura Socioeconômica e Solidária, reconhecendo e valorizando as trocas a partir do que as pessoas já fazem. Se esse momento puder acontecer antes mesmo da feira ou evento começar, será melhor ainda. Depois seria bom criar a lista das ofertas e das demandas, com os respectivos valores dos produtos e serviços em reais. É importante garantir que esse catálogo fique exposto no local onde a feira de trocas vai acontecer. Ele será a referência da diversidade de produtos e serviços oferecidos para as trocas, além de funcionar como propaganda para a feira de trocas.

Ofertas (tenho)	Valor R\$	Demandas (preciso)	Nome do Grupo ou pessoa
Bijuteria	5,00 cada	Espaço p/ reunião	Cooperativa luzes
Pizza	2,00 a fatia	Comida em geral	Grupo familiar Jabá
Corte de cabelo	10,00	Aulas de artesanato	Embelezamento da hora
Artesanatos	8,00	Cds de meditação	Dona Maria
Cds	10,00 cada	Assessoria em projetos	Sr. José

Exemplo:

Notem que os valores dos produtos e serviços em reais são importantes para que, no final da feira ou evento, possa ser registrado quanto circulou de trocas quantificado em reais.

Foram realizadas 30 trocas diretas envolvendo quinze grupos e cinco pessoas, que trocaram o equivalente a R\$ 2.000,00. É importante garantir um grupo de pessoas que possa dar conta do registro da feira de trocas de forma geral e das trocas realizadas.

O próximo passo é organizar os produtos e serviços numa bancada ou ainda em esteiras e cangas coloridas espalhadas pelo chão. Cada grupo fica responsável por seus produtos. Faz-se uma apresentação rápida, explica-se como será o funcionamento e iniciam-se as trocas solidárias.



É importante lembrar, depois da apresentação que, não necessariamente, todas as trocas ocorrerão naquele espaço. Pessoas e grupos podem negociar trocas para depois da feira. O que fica acordado é o compromisso daquelas pessoas e grupos em cumprir o que for acordado no coletivo da feira entre as partes. É bom não haver negociações antes da feira iniciar, isso vai evitar desigualdades nas negociações. Ao final faz-se uma avaliação de todo o processo.

Considerações Finais

Espera-se que esta cartilha tenha contribuído para uma melhor compreensão do que vem a ser as trocas solidárias, as feiras e a própria Economia Solidária em si. Sabemos que as informações aqui apresentadas não são uma síntese de todas estas temáticas, mas sim uma contribuição para o fortalecimento desta nova economia que acontece no Brasil.

Este é um chamado para que você, se ainda não participa da economia solidária e mais especificamente das trocas solidárias, se junte ao grupo. Participe de um grupo de trocas, de um Ecobanco, utilize a moeda social ou a moeda social circulante, tenha uma vida simples e consuma de forma consciente, justa e solidária.

Abaixo disponibilizamos alguns contatos. Estas são as pessoas que participaram do último encontro das Trocas, realizado em julho deste ano em Curitiba - Paraná. Novamente, lembramos que não são todos os contatos das experiências de trocas no Brasil, e sim algumas pessoas que podem fornecer mais informações e por onde podemos fazer novos contatos com outras pessoas e instituições, no sentido de fortalecer a teia da vida e das trocas solidárias.

São Paulo

Carlos Henrique - clubedetrocas@ig.com.br

Sandra Helena Amorim - sandraecosolsp@yahoo.com.br

Santa Catarina

Andrea Viana Faustino - ventolunar_andrea@yahoo.com.br

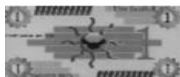
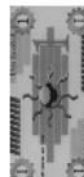
Erika Sagae - erikasagae@uol.com.br

Paraná

Lourdes Marchi - marchiecosol@yahoo.com.br

Vanda de Assis - vandaassis@yahoo.com.br

Adriana Levinski Hamann - adrianalh@acaosocialparana.org.br





Sônia M. Nascimento - (41)3565-2856/9118-9873
 Sthefani C. de Souza - (41)3565-2856/8838-1174
 Antonio Carlos Bez - antoniobez@cefuria.org.br

Rio Grande do Sul

Ana Carolina L. Mate - anarets@gmail.com
 Leidi R.T. da Silva - (51) 9805-5809/3468-5056



Rio de Janeiro

Antonia Erian Ozorio - erian@ondazul.org.br
 Joyce Andrade - joycebraga.rj@marista.edu.br
 Robson Patrocínio - trocasolidaria@pacs.org.br



Goiás

Mauro Soares - maurosoares.p@brturbo.com.br

Bahia

Ivanete de Oliveira - gepba@gep_bahia.org.br
 Viviane Salles Oliveira - viviane.sales@ig.com.br



Ceará

Sandra Magalhães - sandramaga@globo.com.br
 Otaciana Barros - otacianabarro@yahoo.com.br

Lista de Abreviaturas

CONAES - Conferência Nacional de Economia Solidária
EES - Empreendimentos Econômicos Solidários
ES - Economia Solidária
NESOL - Núcleo de Estudos e Práticas em Socioeconomia Solidária
FBES - Fórum Brasileiro de Economia Solidária
FACES - Fórum de Articulação do Comércio Ético e Solidário
ITCP - Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares
IMS - Instituto Marista de Solidariedade
SENAES - Secretaria Nacional De Economia Solidária
PACS - Programas Alternativos do Cone Sul
GEP - Grupo de Economia Popular e Solidária
REDLASES - Rede Latino Americana de Socioeconomia Solidária
MTS - Mercado de Trocas Solidárias



FGV - Fundação Getulio Vargas
UFSC - Universidade Federal de Santa Catarina
FES - Feiras de Economia Solidária
MNTS - Movimento Nacional de Trocas Solidárias
GT - Grupo de Trabalho
ECOSUST - Encontro de Sustentabilidade
UDESC - Universidade do Estado de Santa Catarina
ENTROSA - Encontro dos Grupos de Trocas Solidárias no Rio Grande do Sul
ENTS - Encontro Nacional dos Grupos de Trocas Solidárias

Alguns sites sobre o tema:

www.redlases.org.ar;
www.fbes.org.br;
www.redesolidaria.org.br
http://money.socioeco.org
www.instrodi.org
www.monnetta.org
www.accessfoundation.org
www.smallisbeautiful.org
www.appropriate-economics.org
www.reinventingmoney.com
www.favors.org
www.olccjp.net
www.pacs.org.br/informativos/boletim4.pdf

Parceiros do programa Nacional de Fomento às Feiras de Economia Solidária

FÓRUM BRASILEIRO DE ECONOMIA SOLIDÁRIA

SCS - Quadra 06 - Edifício Arnaldo Vilares - Sala 514 - CEP: 70300-968 - Brasília/DF

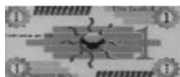
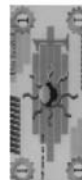
Telefone fax: (61)3322-3268

www.fbes.org.br

Correios eletrônicos

Geral: forum@fbes.org.br

Coordenação Executiva: fbescoordexec@yahoogrupos.com.br





Secretaria Executiva

Daniel Tygel - dtygel@fbes.org.br
Fernanda Nagem - fernanda@fbes.org.br
Rosana Kirsch - rosanak@fbes.org.br
Sabrina Fadel - sabrina@fbes.org.br

SECRETARIA NACIONAL DE ECONOMIA SOLIDÁRIA - SENAES/MTE

Esplanada dos Ministérios Bloco F - 3º Andar - Sala 331 - CEP: 70059-900 - Brasília - DF
Telefone: (61) 3317-6533/6534
Fax: (61) 3226-3764
www.mte.gov.br

Luiz Marinho - Ministro do Trabalho e Emprego - MTE
Paulo Singer - Secretário Nacional de Economia Solidária - SENAES
Sônia Heckert - Chefe de Gabinete
Fábio José Bechara Sanchez - Secretário Adjunto

DEPARTAMENTO DE FOMENTO À ECONOMIA SOLIDÁRIA

Dione Soares Manetti - Diretor de Fomento à Economia Solidária
Jorge Luiz da Silva Nascimento - Coordenador Geral de Fomento à Economia Solidária
Antônio Haroldo Pinheiro Mendonça - Coordenador Geral de Comércio Justo e Crédito

DEPARTAMENTO DE ESTUDOS E DIVULGAÇÃO

Valmor Schiochet - Diretor do Departamento de Estudos e Divulgação
Cláudio Araújo Nascimento - Coordenador Geral de Promoção e Divulgação
Roberto Marinho Alves da Silva - Coordenador Geral de Estudos

FUNDAÇÃO BANCO DO BRASIL - FBB

Sílvio Perfeito - Gerente de Recursos de Terceiro
Jorge Streit - Diretor da Área de Trabalho e Renda
Jamil Sales - Assessor Pleno
Hilvair Aparecido dos Reis Pinto - Assessor Pleno
Adriano Orlando Cavalcante - Escriturário

FUNDAÇÃO L'HERMITAGE

Rua Aimorés, 2480 - 2º andar, Bairro Lourdes - CEP: 30140-072 - Belo Horizonte-MG
Telefone/fax: (31) 21299000
www.lhermitage.com.br

Irmão Vicente Falqueto - Presidente
Irmão Joaquim Juraci Farias de Oliveira - Vice-Presidente
Betânia Maria Meira - Diretora Administrativo-financeira
Jaqueline Ramalho - Coordenadora do Projeto Amigo da Água
Jonas Vilandez - Diretor Artístico da Rádio 98 FM
Célia Silva - Diretor da Rádio Rio Vermelho



Conselho Diretor:

Irmão Afonso Tadeu Murad
Celso Furtado de Azevedo
Lúcia Helena Alvarez Leite

Conselho Fiscal:

Geraldo Gonçalves de Oliveira Filho
Shirlei Aparecida Almeida Silva
Marcelo Bahia Diniz

INSTITUTO MARISTA DE SOLIDARIEDADE - IMS

SDS Edifício Venâncio III 3º Andar - Salas 304/305 - CEP: 70393-900 - Brasília/DF
Tel. (61) 3321-4955
www.ims.marista.edu.br

Dilma Alves Rodrigues - Diretora Executiva

Equipe Técnica - Analistas Sociais

Camila Melo Oliveira Silva;
Helena Melo;
Milda Lourdes Pala Moraes;
Tatiana Estrela;
Wilson Roberto

Auxiliares Administrativos

Antonio Baptista Ribeiro
Rômulo de Souza Alencar

Estagiária

Daniela Maia Rabelo

Auxiliar de Serviços de Apoio do CESAM

Joemir Pereira Serafim

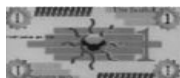
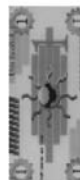
Equipe do Programa Nacional de Fomento às Feiras de Economia Solidária

Coordenação Nacional do Programa Nacional de Fomento às Feiras de Economia Solidária

Shirlei Aparecida Almeida Silva - Analista Social

Técnica de Articulação Nacional

Rizoneide Souza Amorim





Técnico Administrativo Financeiro
Jackson Willians S. Santos

Assistente Administrativo
Dora Aparecida Costa

Interlocutores Estaduais - 2006

Acre - Samirame Carvalho da Silva - samiramecarvalho@hotmail.com
Alagoas - Amélia Virgínia Lucena Lima - vilucena7@hotmail.com
Amapá - Maria Dorama Cardoso - mariadorana@bol.com.br
Amazonas - Ronald Nascimento de Seixas - seixasronald@hotmail.com
Bahia - Franklin Plessmann de Carvalho - franklinpcarvalho@terra.com.br
Ceará - Maria Lucimar dos Santos Lima - llucimarsantos@yahoo.com.br
Distrito Federal - Paulo Henrique de Moraes - paulosolidario@yahoo.com.br
Espírito Santo - Denise Barbieri Biscotto - denisebiscotto@uol.com.br
Goiás - Maria Odília Rogado da Silva - odiliarogado@yahoo.com.br
Maranhão - Nilce Cardoso Ferreira - nilce.cardoso@uol.com.br
Mato Grosso - Carmem Melo Castro e Silva - carmemsilvame@hotmail.com
Minas Gerais - Glauber Pereira dos Santos - psglauber@yahoo.com.br
Pará - Maria do Socorro Silva - mss_pa@yahoo.com.br
Paraíba - Maria de Lourdes Souza Leite - malludem@yahoo.com.br
Paraná - Maria da Glória Moraes de Oliveira - godioia_45@yahoo.com.br
Pernambuco - Rosana Oliveira Pontes de Souza - artanape@yahoo.com.br
Piauí - Samara Carvalho Sampaio - samarasampaio@hotmail.com
Rio de Janeiro - Sérgio da Trindade - strindade2005@hotmail.com
Rio Grande do Norte - Josiane Bezerra Tibúrcio - josy@hotmail.com
Rio Grande do Sul - Adiles Oliveira da Silva - projespcooesp@terra.com.br
Rio Grande do Sul - José Inácio Konzen - josekonsen@terra.com.br
Rondônia - Iláene Tavares Ferreira - ilaferreira@hotmail.com
Roraima - Elenir Maruai - elenindiarr@yahoo.com.br
Santa Catarina - Patrícia Pykocz Freitas - patisbs@hotmail.com
São Paulo - Ricardo Marcelo Fait Gorchacov - ricardomfg@yahoo.com.br
Sergipe - Jefferson Lucas Marques - excosol@yahoo.com.br
Tocantins - José Celso Carbonar - jcarbonar@pop.com.br



Elaboração:

Andréa Viana Faustino
Carlos Henrique de Castro
Heloisa Primavera
Joyce Andrade Braga
Lourdes Marchi
Robson Patrocínio
Sandra Magalhães
Shirlei A. A. Silva

Revisão:

Sílvia Pala

Colaboração:

Camila Melo Oliveira Silva
Milda Lourdes Pala Moraes
Rizoneide Souza Amorim

Ilustração:

Diva Braga

Diagramação:

Holograma Design Gráfico

Coordenação de Arte:

Patrícia Antunes

Economia Solidária Outra Economia Acontece.



Fórum Brasileiro
de Economia Solidária



Ministério do
Desenvolvimento Agrário
Secretaria de
Desenvolvimento Territorial
Secretaria de
Agricultura Familiar

Ministério do
Trabalho e Emprego
Secretaria Nacional
de Economia Solidária

